

# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Dezembro de 2009

## A EPÍGRAFE LATINA COMO ELEMENTO DIDÁCTICO (XXVI)

### *Os laços familiares*

#### **Ingénuos desejos**

Ao visitar um cemitério, não raro vemos jazigos de família a ostentarem na fachada, correspondentes aos receptáculos para urnas, placas destinadas a receber a gravação do nome do defunto que neles vier a ser depositado. E, se formos curiosos, é bem possível acontecer que o jazigo até já esteja bem ‘ocupado’ e apenas um nome esteja numa das placas, o do primeiro a dar entrada lá (foto 1), ou, às vezes, nem sequer esse, por a sua identificação figurar no frontispício. Motivos vários determinaram que não mais se pensasse em gravações: porque houve deposições inesperadas, empréstimo duradouro ou temporário, dificuldades técnicas...

Recordo, a propósito, dois epitáfios romanos, a que, por este motivo, amiúde me refiro:

– O mandado lavar, em vida, por *Aquila Cara* a seu marido, *P. Anonius Silo*,<sup>1</sup> em que ficou por preencher a linha onde seria de esperar a idade com que ela própria falecera e a fórmula habitual «aqui jaz», *H(ic) S(ita) E(st)* – os eventuais descendentes esqueceram-se de a completar!

– E o que «Crísis pôs para si» – *Chrysis sibi posuit* – única frase que se lê sobre o singelo, mas bem decorado, monumento funerário encontrado, em 1773, no terreiro do Castelo de Coimbra e que se expõe no Museu Nacional de Machado de Castro<sup>2</sup>. Também aqui ninguém mais se preocupou com Crísis, para isso fora deixado espaço e até podemos pensar que nem sequer sobre a sua sepultura algum dia veio a ser colocada a pedra que cuidadosamente preparara em vida (foto 2).

---

<sup>1</sup> Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra, 1984, p. 643-644 (inscrição nº 578).

<sup>2</sup> Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), «Notas sobre a epigrafia romana de Coimbra», *Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, Coimbra, 1979, p. 179-180.

Trata-se, porém, de exceções. O normal, num epitáfio romano, é vir indicado o nome do defunto e também o do promotor da gravação do epitáfio, que terá sido, simultaneamente, quem se encarregou de lhe dar condigna sepultura. Claro que, de ordinário, não será esse um gesto... inocente – que secreta esperança haverá de que, quando chegar a hora, também ali o dedicante seja sepultado e, se não houver dinheiro nem disponibilidade para novo texto, o primeiro serve às mil maravilhas, porque desta forma se «salva o nome do esquecimento»<sup>3</sup>. Assim terá pensado, decerto, a atrás referida *Aquilia Cara*.

### Um exemplo

No vasto conjunto epigráfico da *civitas Igaeditanorum*, actual Idanha-a-Velha,<sup>4</sup> diversos são os epitáfios a demonstrar que, ali, o culto da família estava bem presente e que, nesse domínio da memória para além da morte, era comum não se querer deixar aos vindouros um encargo de que, com futuro proveito, alguém se poderia desempenhar.

Escolho um exemplo quase ao acaso: o do epitáfio que Ana Marques de Sá estuda sob o nº 188 do seu livro (p. 134, com a foto que ora se reproduz – foto 3 – e que vem, no livro, na p. 135):

SILO LEGIRI F(*ilius*) COELEA MAE  
 LONIS F(*ilia*) AMOENA MAELO  
 NIS F(*ilia*) H(*ic*) S(*iti*) S(*unt*) S(*it*) V(*obis*) T(*erra*) L(*evis*)  
 SILA SILONIS F(*ilius*) PATRI MATRI  
 ET MATERTERAE F(*aciendum*) C(*uravit*)

*Aqui jazem Silão, filho de Légiro, Célea, filha de Melão, Amena, filha de Melão. Que a terra vos seja leve. Sila, filho de Silão, mandou fazer ao pai, à mãe e à tia materna.*

Por conseguinte, um verdadeiro jazigo de família, devido à iniciativa de Sila, o filho, pois no local (onde espera vir também a ser sepultado) jazem os

<sup>3</sup> SANDERS (Gabriel), «Sauver le nom de l'oubli; le témoignage des CLE d'Afrique et aliunde», *L'Africa Romana* 6\*, Sassari, 1989, p. 43-79.

<sup>4</sup> Vide SÁ (Ana Marques de), *Civitas Igaeditanorum: os Deuses e os Homens*, Idanha-a-Nova, 2007.

restos mortais do pai, da mãe e da tia materna. Suporemos que é filho único e que sua tia morreu solteira, tendo vivido no agregado familiar até à morte.

O formulário obedece, na sua extrema simplicidade, ao que é normal, na Lusitânia, nos primórdios do século I da nossa era, não se exarando aí nem a idade com que morreu cada um nem qualquer adjectivo laudatório. Fora do comum, dadas as citadas circunstâncias, é a deposição no mesmo túmulo da *matertera*: a darmos crédito à base de dados epigráficos da Península Ibérica – <http://www.eda-bea.es/> – no momento em que a consultámos (9-11-2009) apenas havia registadas cinco referências a esta palavra, no conjunto da epigrafia romana peninsular, faltando, porém, esta, de que de pronto dei conhecimento.

Caberia aqui uma análise circunstanciada das ocorrências destes antropónimos, caso não dispuséssemos, hoje, não só dessa base de dados como de um atlas antroponímico relativo à Lusitânia deveras elucidativo<sup>5</sup>. Contudo, sendo meu intuito, nesta série, documentar a utilização do monumento epigráfico para fins didácticos, complementando linguagem literária com os dados da linguagem epigráfica, não deixarei de salientar, para esse efeito, três pontos:

### 1º: A fácil interpenetração das onomásticas latina e pré-romana

*Sila*, *Silo*, *Amoena* são nomes etimologicamente latinos, decerto muito correntes na altura, salientando-se que *Amoena* detém um significado concreto – «a amena», «a agradável»... – que facilmente entrou no quotidiano desses primeiros tempos da Lusitânia romana. Em contrapartida, *Coelea* e *Maelo* pertencem, segundo os conhecimentos actuais, ao mundo da antroponímia considerada tipicamente lusitana; decerto mais pela grafia do que por outras razões, porque não nos repudia aproximá-los de nomes latinos correntes: *Caelius*, *Caelia* são por demais conhecidos (e até se tem preferido traduzi-los por Gélío, Gélia); *Maelius*, por seu turno, nome donde certamente derivou *Maelo*, identificou, por exemplo, diversos personagens célebres mesmo em tempos republicanos.

---

<sup>5</sup> NAVARRO CABALLERO, Milagros, e RAMÍREZ SÁDABA, José Luis [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida (Fundación de Estudios Romanos) – Bordéus (Ausonius Éditions), 2003.

### 2º: O nome *Sila*

Poderia haver a tendência para o aproximar do assaz conhecido *Sulla* ou *Sylla*, cognome de Lúcio Cornélio Sula (amiúde identificado como Sila). Na realidade, porém, estamos perante um horizonte diferente e, por estranho que pareça,<sup>6</sup> é este um dos poucos antropónimos masculinos que termina em *-a*, como Kajanto teve ensejo de salientar.<sup>7</sup> Pouco ultrapassam as duas dezenas e entre eles contamos os bem notórios *Messalla*, *Nasica*, *Nerva*, *Scaevola*...

### 3º: *Legirus*

De todos, porém, o antropónimo aqui mais insólito é *Legirus*, que identifica um dos mais ‘velhos’ personagens nomeados na epígrafe, pois que é o avô paterno do dedicante. Constitui, segundo parece, o único testemunho deste nome em toda a Península e tem-se posto em paralelo com a forma feminina *Licira*, que se documenta em Ávila,<sup>8</sup> e *Lecira*, de Alava.<sup>9</sup>

Rosário Hernando dá conta das teorias etimológicas explicativas desse nome: assentaria num radical *Lec-/Leg-* ou *Lic-/Lig-*, detectável no substrato linguístico pré-indoeuropeu, radical a que se vem atribuindo o significado de «pétreo», «pedra». Algo, portanto, de muito concreto também, a querer dar a entender que se trata de nome atribuído, na sua origem, a alguém que, desde pequeno, se notabilizasse pela sua forte compleição.

No entanto – ainda que, em Linguística, tenhamos de estar sempre atentos para se não correr atrás das aparências – o certo é que se torna deveras sugestivo relacionar este antropónimo com o vocábulo inglês *leg*, «perna», e com o português «ligeiro», derivado, por seu turno, do francês «léger». Ocorre, pois, perguntar se não haverá um prístino radical comum indo-europeu donde todas estas palavras derivem, com essa conotação, também concreta, de ‘veloz’, ‘rápido no caminhar’ – tanto no sentido próprio quanto no figurado.

<sup>6</sup> E, por lapsos, de que também me penitencio, Ana Marques de Sá incorreu nesse erro.

<sup>7</sup> KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 105.

<sup>8</sup> HERNANDO SOBRINO (María del Rosario), *Epigrafía Romana de Ávila*, Paris, 2005, n° 16 (p. 93-94).

<sup>9</sup> HÜBNER (Emílio), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II (= CIL II), Berlim, 1869, inscrição n° 2940.

E aqui está como, mais uma vez, aparente singelo letreiro nos pode encaminhar para considerações de índole histórica, linguística e mesmo de carácter social.

Foto 1



Foto 2

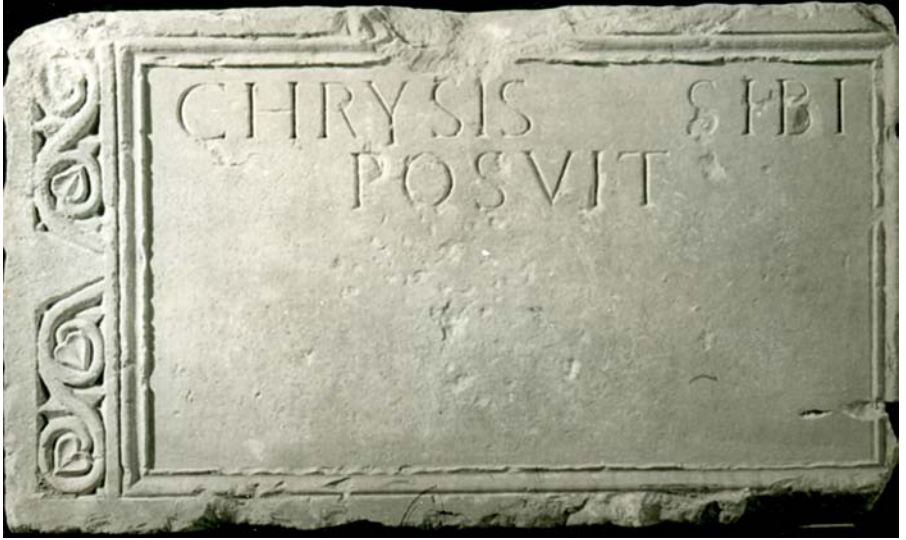


Foto 3



JOSÉ D'ENCARNAÇÃO